

SAUDAÇÃO AO BRASIL (*)

Os advogados portugueses, ao receberem com a fraternidade que o espírito racionaliza, que é a mesma que o coração comanda, os seus colegas brasileiros, fazem-no com o júbilo dos momentos altos e significativos. Estou em crer que é a primeira vez que nesta velha Ordem dos Advogados — como tal já projectada em 1838 — se consagra uma sessão à advocacia doutro País.

E outro nem poderia ser se não o vosso. Eu não repetirei que o Brasil foi criação dos portugueses. O Brasil foi criação de si mesmo, da energia e do trabalho dos seus homens, da sua capacidade de rasgar horizontes, das suas imensas potencialidades. Mas nessa «aventura de dissolução» em que Portugal se deu a tantos povos, foi no Brasil que mais se soube e pôde perpetuar, desde as florestas da planície amazónica até às pampas do Rio Grande do Sul. Por isso, ao olharmos, vencendo agora pelas rotas do pensamento o largo oceano, o País gigante e amigo, nós, portugueses, não podemos escamotear um motivado orgulho, porque o nosso sangue corre nas

(*) Palavras do Bastonário Dr. Mário Raposo, na sessão solene de homenagem à advocacia brasileira realizada na sede da Ordem, em 29 de Outubro de 1976, com a presença, além de outras individualidades, do Presidente da Assembleia da República, do Embaixador do Brasil, do Presidente do Supremo Tribunal de Justiça, dos Ministros da Justiça e dos Assuntos Sociais e do Procurador Geral da República.

veias de brasileiros, da mesma forma que o sangue de brasileiros é, nalguns casos, o nosso próprio sangue.

Meu avô materno nasceu no Brasil, meu visavô foi juiz no Rio de Janeiro. É a reversibilidade dos nexos. Com o correr dos tempos, são já portugueses a ter as suas raízes familiares no Brasil, irmão mais novo de Portugal.

Eu queria, assim, que estas palavras de emotivo acolhimento transpusessem estas quatro paredes e chegassem, por vosso intermédio, a todos os advogados brasileiros, partindo deste extremo da Europa, «onde a terra se acaba e o mar começa».

E não estou só neste ânimo de estreitamento dos laços que indissoluvelmente unem as duas Pátrias. Está comigo o Povo português, o povo que anda nas ruas e é carne e é sonho. Estão comigo os nossos legítimos representantes, por nós disponibilmente escolhidos, depois de meio século de liberdade manietada. O claro propósito de aproximação construtiva e renovada entre as duas Pátrias, pelo reforço da Comunidade Luso-Brasileira em termos de eficácia, está declarado no Programa do Governo Constitucional, que a Assembleia da República apreciou, concordantemente. O Governo ainda aqui — e quero acentuar que esta Ordem é independente do Governo, tanto como os advogados são livres e independentes, e sempre mais propensos à crítica responsável do que ao elogio protocolar — está com o Povo português. Ainda aqui o Governo manifesta uma lúcida determinação de reatar o curso dos naturais destinos de Portugal, firmados nas nossas constantes históricas, éticas e sociais, abertos a um futuro cuja amplitude no projectar e no querer acabará por vencer as limitações materiais destes escassos palmos de terra.

Pela minha voz, Colegas do Brasil, perpassam as palavras que os três milhares e meio de advogados portugueses queriam dizer.

Pertenceis a um Estado brasileiro que teve sempre um papel protagónico na vossa vida nacional. Dele saíram governantes que marcaram uma época, escritores que enriqueceram uma cultura, militares que honraram uma Pátria.

Vós pertenceis a um Estado que, não obstante as múltiplas influências étnicas em que as suas gentes foram caldeadas, guarda na paisagem das suas cidades característicos traços da presença portuguesa. Recordo as páginas que Gilberto Freire dedicou aos vossos sobrados de origem açoreana.

Mas a presença gaúcha — sempre o reverso das influências — existe, viva, em Portugal. Erico Veríssimo é lido pelos meus filhos, como por mim foi lido, a par de Eça de Queiroz ou de outros escritores portugueses. Nas páginas da Revista desta Ordem refulge o talento do vosso João Neves da Fontoura, paredes meias com o dos nossos maiores juristas, como o aqui presente Doutor José de Azeredo Perdigão.

Esta casa é a vossa. Este País é também vosso. E, por isso, as breves palavras que vou dizer, mais impressivas do que técnicas, sobre o Direito português não são palavras de circunstância, para estrangeiros ouvirem. São palavras de verdade, ditas por quem quer acreditar na viabilidade de Portugal e nos homens que hoje o conduzem pelos nem sempre fáceis caminhos da liberdade e da democracia. São palavras de diálogo, que não escondem os maus momentos que em período bem recente, já depois da libertadora Revolução, sofremos. São palavras de esperança na superação de uma conjuntura de crise que não pode ser neutralizada da noite para o dia, mas da qual os órgãos de soberania deverão ser os primeiros a ter consciência, firmemente empenhados como estarão na reformulação deste nosso, e, repito, vosso Portugal.